A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

FRANCIANE PEREIRA GUIMARÃES

RESUMO

A Literatura Infantil é uma fonte enriquecedora de conhecimento e informação, e oferece um método prazeroso e lúdico para que as crianças possam se pertencer ao universo da leitura. Esta revisão bibliográfca visa contribuir para o quanto a leitura está presente na sala de aula e como pode ser um excelente recurso no desenvolvimento da criança. Desta forma, serão estudadas as características históricas da literatura infantil, as defnições de conto de fadas e seus benefícios para o desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Criança. Literatura Infantil.

ABSTRACT

Childish Literature is a rich source of knowledge and information, and offers a pleasant and playful method so that the children can belong themselves to the universe of the reading. The stories of fairies are histories spread out since the Seniority and also have proven influence and relevance between childhood. This bibliographical revision aims at to contribute to how much the stories of fairies are present in the classroom and as they can be an excellent resource in the development of the child. In such a way, the historical characteristics of childish literature, the story defnitions will be studied of fairies and its benefts for the development of the child.

Word-key: Child. Childish literature, Literacy. Lettering.

INTRODUÇÃO

No estudo sobre contos de fadas é possível observá-los como portadores de mensagens. Os temas neles tratados revelam as difculdades encontradas na vida de toda a humanidade. Apresentam, em seu conteúdo, mensagens de sabedoria universal. Cada época refete mudanças quanto à interpretação de seus possíveis signifcados.

Os contos de fada fazem, ou fzeram parte da infância da maioria das pessoas. Princesas, príncipes encantados, castelos, estão na imaginação de grande parte das crianças e adultos. Estas crescem sonhando que um dia encontrarão seu príncipe em um cavalo branco, ou sua princesa presa na torre de um castelo esperando para ser salva. Os contos de fada mexem com a imaginação das crianças, incorporando à vida real, um mundo de fantasias que é desfeito no decorrer do crescimento e no seu amadurecimento. Apesar de grande parte das fantasias serem desfeitas com a chegada da adolescência e vida adulta, alguns resquícios destes contos continuam a influenciar a vida dos indivíduos, principalmente quando correlacionados com outros modelos de relações amorosas.

Através dos contos de fadas podemos formar leitores a partir de uma escrita imaginativa que favorece a experiência estética e a educação para a sensibilidade. Na interação com essa linguagem diferente daquela que é vivida pela criança no seu cotidiano, novos outros saberes acerca da condição humana vão se instituindo e instituindo também na criança outras formas de entender o mundo social que a cerca. A experiência literária possibilita o enfretamento com a dor, as perdas, as decepções, os medos, o ciúme, o desejo de vingança, a capacidade perdoar, dentre outros sentimentos.

Os contos estão relacionados ao mundo mágico, onde é possível imaginar o sonhar. A arte da Literatura e de ouvir histórias é uma grande e poderosa fonte de instrumento criativo, pois desafa o indivíduo nos dias de hoje, a buscar leituras que expressam o mergulhar na magia, no mistério e na sabedoria do ser.

É importante ressaltar o papel de suma importância que os contos de fadas possuem, pois através da leitura o educador oferece várias situações que possibilitem o desenvolvimento integral da criança, sempre com a função de distrair, estimular a imaginação e resolver confitos internos quando inserido no mundo. É através de ouvir e contar, que as crianças vão organizando seus sentimentos e construindo seu desenvolvimento moral e social.

O objetivo geral deste artigo é mostrar a importância de contar histórias para o desenvolvimento infantil e os objetivos específcos são contextualizar historicamente a Literatura Infantil, defnir contos de fadas e refetir sobre a concepção da criança ao longo dos tempos, bem como a importância do conto na vida da criança.

Sabe-se que o conto de fadas não tem somente a função de divertir e encantar, mas também de desenvolver valores e impor ensinamentos relevantes à vida. Por este motivo, foi realizada pesquisa bibliográfca sobre literatura infantil, a fm de caracterizar a importância e os benefícios das histórias na fase da infância.

O presente trabalho se concretizou mediante pesquisas descritivas e explicativas, limitando-se a pesquisas bibliográfcas, mostrando o que é um conto de fadas, suas

origens e a importância deles na alfabetização. Em seguida, a pesquisa procurou enfatizar a importância da simbologia nos contos de fadas como também se observou nos mesmos, à visão do mundo mágico, deixando de ser exclusividade das crianças, para ser assumida pelo adulto, levando em conta a riqueza de seus conteúdos que juntam emoção e intelecto. Por não se tratar de uma pesquisa de campo, o trabalho apresentou pesquisa qualitativa, a qual foi feita através de leitura.

Algumas questões norteadoras constituíram a problemática desta pesquisa como: Qual a importância da literatura infantil no desenvolvimento das crianças? De que maneira os contos de fadas estimulam a imaginação das crianças?

A pesquisa utilizou-se como ferramenta metodológica a pesquisa bibliográfca e para tratar desta temática o presente trabalho segue com autores como: LAJOLO (1997), ZILBERMAN (1998), COELHO (2000), FARIA (2004) entre outros.

1 CONTEXTUALIZANDO A LITERATURA INFANTIL

A Literatura Infantil é um produto cultural da sociedade contemporânea que oferece à criança um meio de educá-la através de fábulas ou narrativas. Contar histórias é um costume antigo, e foi a partir deste originou-se a Literatura Infantil. A Literatura Infantil da adaptação de contos populares contados por pessoas comuns em rodas de história. Antes disso, não havia preocupação em incluí-las na família ou na sociedade, porque a infância era totalmente desconsiderada, as crianças participavam, juntamente com os adultos, da vida política e social, testemunhavam às guerras, a vida, as festas. (LAJOLO E ZILBERMAN, 2003)

Com o surgimento do sentimento de infância, a Literatura popular, começa a dar lugar a uma leitura apropriada também para as crianças, como "[...] as Fábulas e La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694 [...] os Contos da Mamãe Gansa que Charles Perrault publicou em 1697 [...]" (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 15), porém mesmo podendo ser caracterizada como leitura para os pequenos essas obras foram escritas em um período em que inexistia o gênero "literatura infantil". Sobre a transformação da literatura popular em uma literatura para a infância, Cademartori (1987, p. 33) faz a seguinte afrmativa "No século XVII, o francês Charles Perrault (Cinderela, Chapeuzinho Vermelho) coleta contos e lendas da idade Média e adaptada, constituindo os chamados contos de fadas. "

As primeiras obras publicadas, visando à infância, não foram exclusividade da França, também na Inglaterra, os contos de fadas tiveram sua expansão. Em 1812, os irmãos Grimm editam a coleção de contos de fadas que fez tanto sucesso que virou sinônimo de literatura para crianças. Nesse momento percebeu-se que o publico infantil tinha predileção por histórias fantásticas e com aventuras empolgantes, como Peter Pan (1911) de James Barrie. (Coelho, 2010)

No século XIX, na Dinamarca, aparece Hans Cristian Andersen, o autor buscou com entusiasmo enriquecer a Literatura Infantil e Juvenil da época com as suas diversas obras. Segundo Carvalho (2002), Andersen foi considerado o maior poeta da Literatura para crianças por empregar em seus textos um estilo vivo e íntegro de movimento, utilizando uma linguagem encantadora, o autor conseguia dar vida a todos os seres, animando desde os objetos mais simples.

No Brasil, a história da literatura infantil é bem mais recente; data apenas do século XIX, em que encontramos alguns especialistas escrevendo esta literatura popular (FARIA, 2004) ou uma literatura totalmente engajada com um direcionamento pedagógico e escolar, sem características ou preocupações estéticas. Somente, nos anos 20, do século XX, que aparecerá um escritor e, principalmente, uma obra literária genuinamente compromissada com a infância e suas especifcidades, isto é, a literatura infantil brasileira passa a surgir em um cenário importante quando Monteiro Lobato publica "A menina do Narizinho Arrebitado", em 1921, e, com isso, nos presenteia com o sítio do Pica-Pau Amarelo, uma caracterização do que é escrever para crianças.

Outro contexto histórico marcante no Brasil foi o período de abertura política do país (fnal da década de 70 e início da década de 80). Em que o período se caracteriza pela contestação ao autoritarismo militar, e de toda ordem social. Foi um momento redemocratização da escola pública, de luta em diversos setores da sociedade civil organizada, que "após os primeiros sinais de abertura política, deu vazão à sua insatisfação diante do regime repressivo, a orientação da economia, o crescimento da violência urbana, a destruição do meio ambiente" (ZILBERMAN, 2008, p. 14).

Na década de 50, com o advento da televisão, instala-se a crise de leitura no Brasil. A literatura surge sob a roupagem de entretenimento. A partir de meados de 1970 surgem propostas para a renovação da literatura infantil no Brasil. São promovidos encontros, seminários e congressos a respeito do assunto; pensa-se na inclusão de cursos de literatura infantil nas universidades; os textos de literatura infantil passam a ser estudados nos cursos de pós-graduação. Nos anos 70 ocorre o boom da literatura infantil, "manifestado através de uma venda sem precedentes de livros para crianças, na proliferação de associações voltadas ao incentivo da leitura infantil, no surto de encontros, seminários e congressos, a respeito do assunto e

na inclusão de cursos de literatura infantil na programação das universidades" (CADEMARTORI, 1987, p. 11).

Para PELLEGRINI (2004) a história da literatura no Brasil das três últimas décadas vem marcada por este processo de mercantilização que hoje a torna totalmente prisioneira do marketing, processo que se constitui de estratégias de divulgação, promoção e vendas do objeto-livro. Por esse motivo, a literatura infantil é uma das áreas editoriais que mais tem se desenvolvido nas últimas décadas. Estamos vivendo num período em que a literatura vem ganhando cada vez mais espaço na área acadêmica, nas escolas de Educação Básica, na imprensa e na preocupação dos pais em torno do gosto pela leitura. Atualmente, os livros infantis são adaptados às necessidades sociais representadas pelo sistema educativo, independente de ser realista fantasista ou mesmo híbridas, a literatura infantil procura remeter a criança ao seu cotidiano, buscando preparar as crianças para enfrentar a realidade da vida.

Em suma, os antecedentes históricos da literatura infantil colocam em evidência diversas relevâncias que a abrangeram em cada fase. A querela implica em ter clareza que o gênero não adquire características imparciais, mas sempre articulado por objetivos. Na atualidade, é possível refetir sobre a literatura infantil, entre outras razões, em seus aportes aos processos de alfabetização e letramento. Na sequência serão apresentados esclarecimentos acerca destes conceitos, bem como sua articulação com a literatura infantil.

2 OS CONTOS DE FADAS E AS CRIANÇAS

Segundo BETTELHEIM (2008. p 26), quando as crianças pedem para que uma história seja relida várias vezes, pode ser porque aquele conto está atuando em seu inconsciente ajudando-a a resolver algum problema, que ela própria pode até não ter identifcado qual é. Se a criança não fca entusiasmada pela história, isso signifca que os motivos e temas não despertaram nela uma resposta signifcativa nessa altura de sua vida. O dia em que a criança perder temporariamente o interesse por esse tipo de conto pode ser porque os problemas que a tinham feito procurar a história foi substituído por outros, que podem encontrar uma melhor expressão num outro conto, por esse motivo é que a melhor opção é sempre ouvir a indicação da criança.

A criança entende que a história de contos de fadas garante a ela que um dia poderá construir seu reino, sua própria vida onde irá necessitar de toda força de sua personalidade, um momento em que seus confitos estarão se resolvendo. Nesse "seu reino" poderá viver e agir sabiamente, conseguindo como os heróis que conheceu nos contos de fadas construírem sua maturidade. Este é um processo físico e psicológico que se estende de uma maneira desigual por um período longo e indeterminado de tempo. Essa mudança signifca experiências e informações novas que ampliam sua criatividade e que a auxiliam a estabelecer harmonia em seu crescimento.

Segundo Farias (2004), a narrativa faz parte da vida das crianças desde quando muito pequenas, pois através de situações que elas se encontram como, quando ouvem canções de ninar e que mais tarde vão dando lugar às cantigas de roda ou também as narrativas curtas sobre animais e natureza. Assim as crianças desde a mais tenra idade demonstram seu interesse pelas histórias, batendo palmas, sorrindo ou até mesmo imitando algum personagem. Nesse sentido, podemos notar que narrativas são fundamentais para a formação e o desenvolvimento da criança.

O conto de fadas permite que a criança seja capaz de lidar com emoções que ela não conseguiria de outra forma. Ele fornece um meio de extravasar a própria agressividade, de perceber a dor e o sofrimento como passageiros, além de facilitar a construção de identifcações nos modelos literários, que possibilitarão a vivência de situações que estão fora do seu alcance na vida real. Ele propicia ainda momentos de introspecção, que levam a criança à refexão, assim como à introjeção, projeção ou compensação do real pelo imaginário (CALDIN, 2004).

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas difculdades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve relacionar-se simultaneamente com todos os aspectos de sua personalidade - e isso sem nunca menosprezar a seriedade de suas difculdades, mas, ao contrário, dando-lhe total crédito e, a um só tempo, promovendo a confança em si mesma e em seu futuro. (CARVALHO,2002)

Ao mesmo tempo em que distrai a criança, o conto de fadas elucida-a sobre ela própria e promove o desenvolvimento da sua personalidade. Tem tantas signifcações, em tantos níveis diferentes, enriquece a existência da criança de tantas maneiras, que nenhum outro livro é capaz de igualar a quantidade e diversidade de contributos que estes contos trazem à criança.

Um conto pode ter diversos signifcados e cabe à criança descobri-los. Mas isso

depende muito dos problemas com os quais a criança está vivenciando em determinado momento. Uma criança de três anos quando ouve uma história pode entendê-la de uma determinada maneira; outra criança, de seis anos, já poderá entender de uma maneira completamente diferente e dar significados também diferentes. Isso pode acontecer porque ela está numa fase de vida mais "madura". Suas questões são outras, totalmente diferentes de uma criança de três anos. Por exemplo, aos três anos uma criança está normalmente entrando na escola. Suas questões podem estar ligadas a separação dos pais durante o período da aula e as novas coisas que ela irá aprender. Já uma criança de seis anos se encontra numa fase diferente. Ela já está acostumada em ir para a escola, provavelmente ela terá saído do jardim de infância e estará aprendendo a ler e escrever. O momento de vida é outro e as questões e dúvidas não são as mesmas. Bettelheim (2008) explica que o significado dos contos de fadas será diferente para cada pessoa e diferente para a mesma pessoa – que pode voltar ao mesmo conto quando se sentir preparada para ampliar ou substituir seus significados – em cada época da sua vida.

O desenvolvimento interno que ocorre na criança através do conto de fadas, faz com que ela passe a agir e pensar de forma autônoma, sabendo lidar com os conflitos que possam surgir em sua vida, pois os contos a proporcionam experiências crianças. Exatamente porque a vida é freqüentemente desconcertante para a criança, ela precisa ainda mais ter a possibilidade de se entender neste mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para ser bem sucedida neste aspecto, a criança deve receber ajuda para que possa dar algum sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de idéias sobre a forma de colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso ser capaz de criar ordem na sua vida. Necessita - e isto mal requer ênfase neste momento de nossa história - de uma educação moral que de modo sutil e implícito conduza-a às vantagens do comportamento moral, não através de conceitos éticos abstratos, mas daquilo que lhe parece tangivelmente correto, e portanto significativo. (MACHADO, 2010)

Para finalizar, os contos de fadas garantem à criança que as dificuldades podem ser vencidas, as florestas atravessadas, os caminhos de espinhos desbravados e os perigos mudados, por menor e insignificante que seja quem pretende vencer na vida. E a criança, desprotegida por natureza, sente que também ela pode ser capaz de vencer os seus secretos medos, as suas evidentes ignorâncias. Assim, aprende a aceitar melhor as pequeninas desilusões que vai encontrando no seu dia-a-dia, pois sabe que, à semelhança do que acontece nos contos, os seus esforços por se tornar melhor hão de ter um dia a desejada recompensa. No seu íntimo, ela entende muito bem que as histórias maravilhosas são irreais – mas não as aceita como falsas, na medida em que descrevem, de um modo imaginário e simbólico, os passos do seu crescimento.

3 O PAPEL DO PROFESSOR MEDIADOR DA LEITURA

O professor é antes de tudo promotor de leitura e formador de leitores. O docente deve ser um profissional comprometido com o projeto de leitura e apresentar estratégias para orientar seus alunos, tornando-se assim, um mediador do processo, abrindo espaços, lançando desafios, valorizando a caminhada dos alunos, desenvolvendo competências nas dimensões cognitivas, emocionais, sensoriais e culturais. Segundo Freire (1999, p.29), "[...] percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz de sua tarefa docente, não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo"

Partindo dessa questão, cabe ao mediador aproximar os novos leitores do texto escolhido, tendo em mente que a literatura é um território livre, no qual cada leitor vai tecer suas redes de interpretação. De acordo com Eliana Yunes (2009, p. 76):

> na proposta do círculo de leitura, alcançamos, por assim dizer, as segundas histórias, ou seja, um momento em que a recepção do texto não refui a uma interioridade emotiva e de perplexidade apenas, amparada na voz do outro, mas aqui já se desdobra uma interatividade de ordem mais ampla entre o texto e diversos receptores, simultaneamente.

A escola bem como os professores em particular exerce uma força muito grande no que diz respeito à formação de leitores. Mas ainda é preciso desenvolver mecanismos apropriados para que se possa atingir o interesse pelo gosto da leitura literária em especial pelos nossos alunos. Para isso não é preciso grandes investimentos ou recursos financeiros, basta usar da prática da criatividade. Cabe aqui o papel do mediador de leitura que através de um ato simples pode fazer com que surjaum novo leitor, ou até indiretamente do nada pode acontecer. Desta forma a escola deve estar atenta a tais procedimentos e o professor deve ter um conhecimento sólido do quanto os processos cognitivos, sociais, culturais e afetivos de cada leitor são acionados no ato de ler, desempenhando um papel fundamental na sua formação leitora.

Silva tem, em diversos de seus estudos, insistido na necessidade dos professores apaixonados pelos livros, uma vez que lhes cabe a tarefa de formar para o gosto. Para o estudioso, "caso ele próprio [o professor] não seja um leitor assíduo, rigoroso e crítico, são mínimas ou nulas as chances de que

possa fazer um trabalho condigno na área da educação e do ensino da leitura" (2003, p. 28). Isso "porque nossos alunos necessitam do testemunho vivo dos professores no que tange à valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura" (SILVA, 2011, p. 109).

Nessa perspectiva, pode-se depreender que a educação literária se dá por ações específicas e metodologias apropriadas. O professor medeia esse processo de formação do leitor literário, quando planeja situações de leitura em que a criança entra em contato com o texto literário e com suas peculiaridades estéticas, linguísticas, artísticas, de modo que aprenda a dialogar com o texto, valorizar e ativar seus intertextos – outros e diversos textos que já conhece – e assim, produzir sentido. Isso ocorre porque o sentido atribuído ao texto também decorre da intertextualidade presente nele. As crianças se apoiam nos textos que conhecem e de que já fizeram repetidas leituras e, dessa maneira, os relacionam com as características do texto que é apresentado a elas. É por essa razão que "a intertextualidade na obra de Bakhtin é, antes de tudo, a intertextualidade "interna" das vozes que falam e polemizam no texto, nele reproduzindo o diálogo com os outros textos" (Barros, 2003: 4).

O professor que assume a condição de mediador funciona como ponte constitutiva da relação do aluno com as palavras, com a leitura de diferentes formas. No depoimento acima, podemos constatar que traço individual e traços de saberes se misturam numa representação que não separa a mulher (vista como) tímida e a professora que domina os conteúdos de ensino. A memória retém o todo corporal desse outro, mas é um corpo que se desintegra como corpo físico e se reintegra como corpo de saber. Este percebido pelo modo de falar da leitura e pelo que lia. O tema leitura torna-se atrativo porque está envolto em um tom, em um modo de ser. O professor passa a ser parte essencial do conteúdo de ensino porque sua relação com o que ensina é determinante à construção da relação do aluno com a leitura em si.

Para GIARDINELLI (2011) cabe lembrar a ideia de que a leitura em voz alta é uma partilha prazerosa das palavras e da linguagem, é um alimento para o ser humano em que se compartilha o que se tem. Se alguém se perguntasse como começar a aplicar a estratégia da leitura em voz alta, a resposta seria extremamente simples: começa-se começando a ler. Conforme cada caso, são os pais, professores e bibliotecários – os mediadores – os que devem tomar a decisão de quando, o que, como e onde ler em voz alta.

Para isso, não é preciso mais que decisão, generosidade e uma leitura ao alcance da mão. Os mediadores exercem, segundo o autor, o papel de cupido entre o leitor e o texto (...). A voz de quem lê um conto em voz alta, sua presença, o livro que sustenta na mão, as ilustrações que espiam ou vislumbram, o lugar no qual se desenvolve a cena, os odores e sons circunstanciais formam parte da experiência e chamam a atenção sobre ela. Sobre isso Abramovich afirma que é muito importante ler histórias para a formação do leitor. Ler é um ato de generosidade, é a partilha, é um ato de afeto.

Assim, entende-se que a leitura deve acontecer por prazer, e não para ensinar algum conteúdo e, segundo Marangon (2010), as primeiras representações de leitura significam referências de afeto, momentos de prazer e de lúdico por meios de narrativas realizadas por pessoas próximas. E explica que, pais, professores e bibliotecários devem ser mediadores constantes e presentes em todos os momentos de leitura. Além de contar histórias, estimular o acesso aos livros e o empréstimo domiciliar, o mediador incentiva a família a contar histórias aos pequenos. Dessa maneira, a leitura estará presente na vida familiar e escolar (MARANGON, 2010, p.45).

É muito importante lembrar que leitura de um texto não está ligada somente a decodificação dos símbolos presentes no mesmo, mas sim a interpretação/entendimento do sentido que o autor do texto quer transparecer, portanto, o mediador da leitura terá que utilizar de meios que possibilitem ao aluno criar seus próprios métodos para a compreensão do texto e formulação de suas próprias conclusões, sendo está construída por meio de debates, exposição de opiniões, seminários, entre outros, assim, possibilitando a interdisciplinaridade de conceitos.

Além disso, o professor deve interessar-se pelo seu aluno, tentar conhecer quais os contatos anteriores dele com a leitura, com os diferentes tipos de texto, suas diferentes experiências de leitura e conhecimento de gêneros literários, e enriquecer essas práticas com outras inovações. Torna-se mais fácil a indicação de livros por parte do professor, no sentido de ampliar o que já era conhecido pelos alunos e auxiliá-los em suas próprias escolhas. Não é obrigando o aluno a ler determinado livro que ele vai adquirir o hábito de ler. Na verdade, aluno deve ser preparado para o que deverá ler; tudo dever ter um objetivo claro, mesmo que este seja apenas o da fruição.

De acordo com Petit (2009), é fundamental o papel do professor mediador como iniciador aos livros, ou seja, como o responsável por iniciar a leitura, legitimá-la, revelar um desejo de ler e acompanhar o trajeto do leitor para que possa construir pontes. Os trajetos dos leitores são descontínuos, com interrupções breves ou longas, cabendo, portanto, ao mediador de leitura dar uma oportunidade de o leitor alcançar uma nova etapa. Lembrando, entretanto, o que afirmou Monteiro Lobato, para quem obrigar alguém a ler um livro, mesmo que seja pelas melho-

res razões do mundo, só serve para vacinar o sujeito para sempre contra a leitura (MACHADO, 2002, p.14).

O professor, ao propor em sala de aula alguma dinâmica com o intuito de estimular a prática da leitura, deve preocupar-se em estabelecer metas como: auxiliar o desenvolvimento de habilidades de atenção e observação; incentivar a organização e a expressão de ideias; estimular o aumento e a fxação de vocabulário; incentivar a criatividade; favorecer o contato da criança com novas experiências de mundo, pois qual é a criança que não gosta de uma novidade, de algo que cause curiosidade e ainda mais de compartilhar essa façanha? Sempre que uma criança participa de forma ativa de uma atividade em sala de aula e é reconhecida pela sua percepção, sente-se estimulada a querer cada vez mais ser desafada a poder mostrar o que aprendeu, ou do que é capaz.

A leitura literária na escola, portanto, precisa ter objetivos e práticas pedagógicas bem defnidos que não devem ser confundidos simplesmente com o ensinar um conteúdo sobre a literatura, nem com uma simples atividade de lazer. Assim como é preciso superar a dicotomia da divisão ente leitura ilustrada e leitura aplicada em favor da presença de ambas na formação do leitor, também é preciso que se supere a oposição entre ensinar e mediar em favor da aprendizagem da leitura literária. Só assim, como também indica Paulino (2001), teremos um professor que ao ser mediador ensina e ao ser professor media, desenvolvendo a competência literária de seus alunos dentro de uma comunidade de leitores que elabora, recria, debate, enfrenta, questiona, adota, refunde e inventa na sala de aula e na escola os modos de ser e estar no mundo.

4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA VIDA DAS CRIANÇAS

Segundo Geraldi (1998) a leitura "é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto. Encontro com o autor, ausente, que se dá pela palavra escrita" (Geraldi, 1998, pág. 91) o leitor nesse processo não é passivo, e busca signifcados através do que está lendo. OS PCNs destacam que o que se espera do aluno é que ele seja "receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, por meio de leituras desafadoras para sua condição atual, apoiando-se em marcas formais do próprio texto ou em orientações oferecidas pelo professor" (1998, pág. 50). É necessário um trabalho cuidadoso para que a leitura de fato tenha signifcado, o trabalho do professor depende da participação ativa do educando, o aprendiz tem papel fundamental no processo de leitura e cabe ao professor mediar as leituras de maneira que elas possuam signifcado.

A ideia não é trabalhar com a leitura como uma obrigação, um componente curricular maçante, algo separado das demais práticas pedagógicas, mas como algo que possa ser prazeroso, divertido que, nas palavras de Rubem Alves (2012), seja saboroso. É através dessa leitura que devemos educar nossos alunos, é através dessa prática que eles desenvolverão diversas habilidades, que serão de fato alfabetizado, é baseado nesse trabalho com leitura que faremos nossas propostas pedagógicas, é com essa leitura que eles se tornarão sujeitos letrados. A leitura é um importante instrumento na educação dos nossos alunos, que pode ser trabalhada em todas as fases educacionais, de forma lúdica e que ao mesmo tempo tenha sentido para os alunos.

Ler efcientemente é essencial para quem vive em uma sociedade letrada. Para uma participação signifcativa como cidadão que exerce seus direitos, é necessário que o indivíduo tenha acesso aos conhecimentos produzidos pela sociedade. A escola tem como função social a formação integral de seus alunos, para que eles possam adquirir conhecimentos, que desenvolvam a sua criticidade, tornem-se refexivos e aptos para a vida adulta.

A criança passa a interagir com as histórias, acrescenta detalhes, personagens ou se lembra de fatos que passaram despercebidos pelo contador. Essas histórias reais são fundamentais para que a criança estabeleça a sua identidade, compreender melhor as relações familiares. Outro fato relevante é o vínculo afetivo que se estabelece entre o contador das histórias e a criança. Contar e ouvir uma história aconchegado a quem se ama é compartilhar uma experiência gostosa, na descoberta do mundo das histórias e dos livros.

Além do fortalecimento do imaginário, a literatura contribui para o aumento do repertório de vivências das crianças, dentre elas a interação com seus pares, o desenvolvimento da linguagem oral e o acesso a conhecimentos construídos ao longo da história do homem, abrangendo as mais diversas formas de expressão humana. Nos momentos de narração de histórias, a criança, ao sentar próxima de outras crianças e do adulto, experimenta novas formas de interagir com o grupo onde está inserida. Ao interagir com os livros a criança passa a conhecer o material produzido socialmente e a experimentar novas formas de relacionar-se com o livro, com base no que lê ou leem para ela.

Conforme citado no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil -RCNEI- (v.3, 1998), realizar práticas de leitura para crianças traz consigo um grande valor, pois a criança que ainda não sabe ler tradicionalmente pode fazê-la através da escuta da leitura do professor, por mais que não decifre todas e cada uma das palavras. Sendo assim

ao ouvir um texto é possível considerar essa ação como uma forma de leitura.

Bamberger (2002, p. 32) explica que "A leitura impulsiona o uso e o treino de aptidões intelectuais e espirituais, como fantasia, o pensamento, à vontade, a simpatia, a capacidade de identificar etc.". Difere, naturalmente, a situação de interpretação temporária, ou seja, de identificação das letras sem assimilação. Vale destacar que o indivíduo tem habilidade de abrir janelas imaginárias, para um contato com o mundo. Sua função formal é de levar, ou receber informações, porém, vai além da imposição científica.

O que essas pessoas não sabem é que, enquanto a criança absorve as informações contidas em um livro, sua capacidade de compreensão aumenta, trata-se de algo grandioso. Alguns autores atribuem à leitura o objetivo de "transformar" o meio em que vivemos, a partir da leitura infantil, como é o caso de Coelho (2010, p. 15) ao afirmar que: Estamos com aqueles que dizem:

Sim. A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. [...] é ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação de consciência de mundo das crianças e dos jovens. (COELHO, 2010, p. 15)

Segundo Dutra (2011), ler é uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com o aluno, principalmente após recentes pesquisas que apontam ser esta uma das principais deficiências do estudante brasileiro. Uma leitura de qualidade representa a oportunidade de ampliar a visão do mundo. Através do hábito da leitura o homem pode tomar consciência das suas necessidades, promovendo assim a sua transformação e a do mundo.

Sendo assim, continua Nunes (2012: 15) "é preciso entender que gostar de ler não é um dom, mas um hábito que se adquire.... Investir em pequenos leitores é uma das muitas maneiras de semear futuros leitores assíduos. "

O professor incumbir-se-á de modificações sociais e pessoais na vida de todos os discentes que cruzarão sua vida, e se responsabilizará pela apropriação de conhecimentos que os mesmos terão, e "A apropriação da cultura acontece de forma transformadora: o homem transforma as atividades externas ao seu organismo e as interações com o outro em atividades internas e intrapsicológicas" (SILVA; ALMEIDA; FERREIRA, 2011, p. 221); tudo isso acontecerá aos olhos do professor, de forma mais intensa ou menos intensa, mas acontecerá a todos os seus alunos, em todos os anos de trabalho. E não há nada mais recompensador do que sentir-se parte do crescimento de indivíduos que se tornarão ativos na sociedade em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura Infantil sempre foi tema que chama a atenção de educadores e estudiosos da área. Porém ainda há muito que se refetir sobre isto de forma a contribuir para a qualidade e difusão da leitura na escola com prazer e diversão, tendo como resultado uma aprendizagem cultural cada vez maior. Sem dúvida nenhuma, a Literatura ontem e hoje faz parte da educação, da condução e desenvolvimento humano. Não apenas por estar na escola, mas por estar diretamente ligada a pessoa.

A leitura é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigida a outras pessoas, que também "leem" o texto ouvindo. Os primeiros contatos das crianças com a literatura ocorrem desse modo. Os adultos leem histórias para elas. Ouvir histórias é uma forma de ler. A diferença entre ouvir a leitura está em que a fala é produzida esponteamente, ao passo que a leitura baseada num texto escrito tem características próprias diferentes da fala espontânea. Algumas crianças têm contato com textos que lhe são lidas, vêem livros, revistas e jornais no seu dia-a-dia.

Sabemos que é nas interações sociais que nós, humanos, construímos o saber. Também já faz parte do senso comum dos educadores a convicção de que o conhecimento, antes de sua apropriação individual, por cada membro da espécie, encontra-se no coletivo. Assim, ao se pensar no aprendizado da linguagem escrita, é fundamental que não percamos de vista que as condições adequadas para a construção desse conhecimento específico também estão no coletivo de crianças e na possibilidade de torças existentes nas relações que estabelecem mediadas pelo adulto.

Sendo assim, entendemos que a literatura Infantil se apresenta como uma opção pedagógica que facilita e amplia o processo de ensino e aprendizagem da criança, uma vez que é capaz de contribuir na constituição do leitor. Na alfabetização a literatura infantil desempenha múltiplos papéis, dos quais podemos destacar a construção e reconstrução do conhecimento que acontece a partir das leituras dos textos literários.

Mas, para que tudo isso aconteça naturalmente é necessário que criança e escola tenham um relacionamento muito íntimo com a leitura. É claro que esse envolvimento entre aluno-escola-leitura, vai depender de muito trabalho e esforço por parte dos educadores e também da família, que deverá colaborar para que ao longo do tempo a criança adquira prazer pela leitura. É preciso ter a clareza de que a leitura é sempre um meio,

nunca um fm, é necessário que a criança tenha oportunidade de fazer suas próprias descobertas, e a sua curiosidade é um forte aliado, vindo ao encontro do lúdico.

A fnalidade da literatura infantil é propiciar uma iniciação ao ser humano no mundo literário. O livro é um recurso que contribui para a formação de um indivíduo, com espírito crítico e analítico. Quando a criança, desde pequena tem contato com o livro infantil aprende a viver em seu contexto social com mais refexão e opinião.

Uma vez que a função da leitura não é só decodifcar, e sim interpretar, ao se explorar um texto deve-se introduzir discussões que provoquem a criticidade infantil, propiciando as crianças a exposição de suas produções, formando-se bons leitores. A escola deve ser formadora de novos talentos; professores precisam estimular a leitura com propósitos fundamentados na interpretação e compreensão das histórias infantis.

A similitude da literatura infantil com a escola necessita incentivar e fortalecer a formação do indivíduo; a literatura um instrumento de difusão de valores, de imaginação, de criatividade - contar histórias é criar um ambiente encantado, emocionante, cheio de surpresas e suspenses, onde os personagens ganham vida, e o leitor participa da história.

O fato mais sonhado e esperado por todos os professores seria que todas as crianças tivessem acesso à leitura da literatura – como forma de refexão, elaboração e reelaboração do conhecimento; provavelmente seriam formados adultos mais conscientes do valor que tem cada ser humano

O trabalho também foi importante no momento em que, podemos descobrir que existe uma literatura adequada a cada faixa etária e que o interesse pela literatura está associado ao nível de desenvolvimento psicológico da criança. Que mais do que tentar apenas despertar o interesse da criança pela literatura, o adulto tem um papel importante no universo dos leitores; como o papel desenvolvido pelo contador de histórias.

Defende-se a opinião de que é preciso proporcionar à criança a oportunidade de expor suas ideias, enfatizando o processo dialógico, e a partir desta interação, compreenda-se o funcionamento social da linguagem e da escrita. É necessário, ainda, reconhecer que na relação com o meio e com o lúdico, de forma especial, as crianças possuem muitas formas de internalizar os conhecimentos necessários.

Pode-se concluir, por fm, que a literatura infantil só tem a contribuir com o desenvolvimento infantil, e deve ser utilizada como ferramenta com os artifícios certos - oferecendo crescimento particular e emancipação intelectual – para auxiliar no processo de educação infantil. É evidente que esta pesquisa não teve por objetivo esgotar o tema, fcando aqui algumas impressões dentre tantos teóricos e estudiosos que permeiam o tema, possibilitando a retomada do assunto e maior aprofundamento.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. O prazer da leitura. Disponível em < https://www.rubemalves.com.br/oprazerdaleitura.htm> Acesso em: 12 mar. 2018.

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito de leitura. 7. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BARROS, D. L. P.; Fiorin, J. L. (Orgs.). (2003). Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin. (2a. ed.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

BETTELHEIM, Bruno. Psicanálise dos contos de fadas. Bertrand, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol.1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CADEMARTORI, Lígia. O que é literatura infantil. 4. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CALDIN, C. F. (2004). A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. Encontros bible: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, 9(18), 72-89. Disponível em HTTPS://periodicos. ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p72/5474 Acesso em: 12 mar. 2018.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos. Literatura Infantil: Visão histórica e critica. 2º Ed. São Paulo, Ática, 2002.

COELHO, N. N. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2010.

DUTRA, Vânia L. R. Abordagem funcional da gramática na Escola Básica. Anais do VII Congresso Internacional da Abralin. Curitiba, 2011. Disponível em:

www.abralin.org. Acesso em: 14 Mar. 2018.

FARIA, Alice Maria. Como usar a literatura Infantil na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004.

FREIRE, Paulo. A pedagogia da autonomia. São Paulo. Paz e Terra, 1999

GERALDI, J. W. O texto na sala de aula, coleção na sala de aula. São Paulo, Ed. Ática,1998.

GIARDINELLI, Mempo. Voltar a Ler:

Propostas para ser uma nação de leitores. São Paulo: Ed. Nacional, 2010.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias. São Paulo: Ática, 2003.

MACHADO, A. M. Contos de Fadas: Perrault, Grimm, Andersen e outros. São Paulo: Zahar, 2010.

MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Rio de janeiro: Objetiva, 2002.

MARANGON, Cristiane. Um centro de recursos em sintonia com a sala de aula. Revista Pátio – Educação Infantil, Ano VIII, nº 24, jul/set. 2010. p.44-46.

PAULINO, Graça. Sobre ler e saber. In: EVANGELISTA, Aracy Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Orgs.). A escolarização da leitura literária. O jogo do livro infantil e juvenil. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PELLEGRINI, Tânia. A literatura e o leitor em tempos de mídia e mercado. 2004. Disponível em: http://www.unicamp.br/iel/memoria/. Acesso em: 12/03/2018.

PETIT, Michele. A arte de ler ou como resistir à adversidade. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro Da. Leitura na escola e na biblioteca. Campinas: Papirus, 2003.

SILVA, S. M. C. da; ALMEIDA, C. M. de C.; FERREIRA, S. Apropriação cultural e mediação pedagógica: contribuições de Vygotsky na discussão do tema. Psicol.estud. [online]. 2011, vol.16, n.2, p. 219-228. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n2/a05v16n2.pdf> Acesso em: 14 jan. 2018.

YUNES, Eliana. Tecendo um leitor: uma rede de fos cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.

ZILBERMAN, Regina. A Leitura da Literatura Infantil Brasileira. In De bus, Eliane (org.). A literatura infantil e juvenil de língua portuguesa: leituras do Brasil e d' além-mar. Blumenau: Nova Letra, 2008